

**TRILHO DO CAVACADOIRO, BOIVÃO, VALENÇA – 22.FEV.2015**



a bela Organizadora feliz!

(Relevem a inversão de prioridades, mas foi o que me apeteceu e eu respeito os meus humores, pois hedonista que sou não gosto de forçar nada. Além disso, segui o conselho do nosso diplomático João: *sem pressões!*)

Este trilho realizou-se sob as reminiscências da Susana, que nasceu na zona, tem uma Avenida por sua conta com casas de familiares à direita e à esquerda e muitas memórias de infância para contar. Ela tinha chegado da sua grande “visita aos cangurus” há singelos 3 dias e ainda não refeita do jet lag, já estava prontíssima para cumprir a tarefa a que se propôs de organizar este percurso, se bem que coadjuvada maioritariamente pelo João.

Então fizemos a viagem Porto/Valença sorvendo avidamente pormenores curiosos, detalhes estranhíssimos, preciosidades locais e vivências díspares da longa viagem até à Austrália da domingueira aventureira e resistente aos 45º de temperatura que se fazia sentir naquele país.

Chegados à sua zona de conforto, interrompe o relato e começa a espreitar para os quintais e marquises à procura das cabeças do tio, tia e primos que o João procurava à esquerda quando a casa amarela era a da direita e mais acima era a da direita e ele procurava à esquerda... Mais não se podia pedir, já que era o

era para a estrada e a paisagem bruscamente: ora estava vendo adivinhando a casa do tio da

Chegados ao local de partida para Conceição já nos esperava honraria central na escritaria) nos depois de ter rodado a vila 2 retardatários que teimam em



condutor, a atenção máxima imagística tinha mudado cangurus à noite, ora Susana em Valença.

mais uma caminhada, a sentadinha e só (por isso tem degraus de uma casa rural, vezes e por culpa de alguns dormir uns segundinhos mais.

Começamos sempre estas nossas andanças, por ir cumprimentar os proprietários dos cafés locais, que eram dois mas só um estava desperto e aberto, pois o outro mandou avançar primeiro o cãozito que ladrava a bom ladrar avisando que o dono estaria ainda à espera do pão... indisposto... ou a dormir...

Amplo espaço para estacionar e abençoados pelos ares do Senhor, com WC de serviço aberto e a funcionar para começarmos leves, levemente a subida de lançamento da caminhada do dia. Um grande grupo aderiu a este trilho, (tantos eramos que o Alfredo se questionou se não haveria



peregrinação ao local) num dia cinzento, com uma chuva miudinha, nossa amiga inseparável do dia e com o nosso não tão amigo nevoeiro, que nos impediu de apreciar as paisagens,



contentando-nos com os 3 a 4 metros à frente do nariz e mesmo assim foi digno de admiração.

Foi um trilho por um caminho sempre largo que hoje se pode percorrer em grande parte de carro e que nós aproveitamos para subir calmamente, apreciando as bolas graníticas de tamanho descomunal que se encaixam umas nas outras sem que percebamos como - a não ser que sejamos geólogos e a explicação está aí à mão de semear - características desta parte do vale do Minho, à procura do macaco, do elefante, da tartaruga, do manípulo da consola, etc...



Rapidamente chegamos ao Castelo da Furna ou de Fraião, castelo roqueiro que significa castelo feito com vigas travadas entre si, enlaçados com barro e pedra, construídos rapidamente à medida que as conquistas avançavam e que por isso mesmo também ruíam mais facilmente, dando lugar a um amontoado de pedras aprnas, embora se continue a designar Castelo e que hoje é um agradável espaço de picnics, escondidinho por uma alta sebe e porta enviesada que se abre para amplo local agradável á vista onde apetece abancar e ficar por lá conversando, comendo, fazendo jogos em família e voltar ao fim da tarde com lembranças para o futuro e a sensação de que tudo o que é bom acaba depressa.

Assim fez a Susana, que foi recordando os picnics em família feitos neste local, onde chegavam de tractor, porque não havia caminho, passar as tardes dos domingo de verão nas terras altas do Minho.

Antes mesmo de podermos apreciar a vista de curto alcance que por momentos foi longa, devido ao nevoeiro que nos deu uma aberta, fomos recebidos placidamente por um conjunto de vacas e bois de grande porte e olhos tristes que pastavam e que à nossa aproximação fugiram a “sete pés”. Sete? Sete é para nós que temos dois; se as vacas têm 4 então quando fogem, fogem a 15 pés... ?!







Demos a volta às pedras, entrando e saindo das alas do castelo como se da nossa casa se tratasse, com toda a liberdade para sonhar e escorregar se o sonho se sobrepusesse à firmeza do pé e por fim lá tivemos de abandonar deste local encantado rumo a outro não menos encantado: o parque de merendas de São Martinho da Penha, mas antes há que ultrapassar obstáculos: um riacho e um suposto javali que por aquelas bandas

andava a fugir de caçadores poucos hábeis já que o deixaram fugir em direcção a nós... pensavam eles.



Não houve percalços de maior e nem poderia haver pois tivemos rezas encarecidas ao Senhor por parte do Israel, para que nenhum pé falhasse ou escorregasse e não nos cruzássemos com o javardo em fuga ou, pior, nos não nos cruzássemos com o campo de acção dos caçadores.

Chegada ao parque de merendas, com um abrigo/café/bar que se



encheu à justa para os domingueiros almoçarem juntos e sentadinhos, para apreciarmos as iguarias da Eliana que depois de um interregno de vários meses se juntou a nós e trouxe ementa de fazer crescer água na boca com a sua perícia culinária e promessas (sempre a tempo de as cumprir) de jantaradas na sua casa.

Experimentamos ainda várias frutas desidratadas - gentileza da Cri e Estrela - que vieram demonstrar que a terra é redonda e tudo é cíclico, pois que a remoção da água por evaporação é um dos métodos mais antigos de conservação de alimentos.



Foto de grupo e indecisões sobre se valeria a pena subir ao penhasco ou não. Claro que vale! E



imperdoável seria se não o subíssemos, pois tivemos uma subida linda de morrer por entre bolas rochosas sem fim, tipo sandwich e nós éramos o queijo ou salame, antes de dar mos de caras com um conjunto de teias de aranha que abrilhantadas pelos chuviscos chamavam a nossa



atenção para a graciosidade das suas construções no ar, se bem que ligeiramente presas aos ramos das árvores, despidas nesta altura do ano, o que lhes deixou todo o espaço livre para os seus rendilhados e teares.





Sorte a nossa, pois tivemos matiné em 1ª mão com muitos flahes à mistura, muitas ponderações existenciais, reflexões e outros circunlóquios habituais nestes *frente a frente* com a vida inteligente dos outros animais.

Continuamos, pedindo licença às senhoras pedras para por baixo delas passar, lá fomos subindo em direcção ao cume a que só os arrojados se atreveram. Foi um momento 'íntimo' de

concentração e respiração suspensa, de ligação ao mundo exterior – aquele sem nevoeiro lá de casa - e sobretudo para provar que querer é poder! E quem não quer, espera!





Descida já em contagem decrescente para o fim da caminhada. Antes, porém há que tornar aliciante a descidinha pela encosta abaixo, corta-caminho em direcção a mais um local de pic-nics desta região. Chegada ao adro e jardim da igreja para uma mangueirada às botas de alguns caminheiros que assim voltaram tão leves quanto chegaram.



Relaxamento da praxe e fim de caminhada em Boivão.

Deixo-vos com o “Inverno do Juan” que evidencia o seu lado filosófico/reflexivo/contemplativo que certamente aprimora a sua grande capacidade argumentativa que tão bem conhecemos, num não menos prestigioso momento de inspiração fotográfica da Conceição e em jeito de despedida de estação, já que o verão começa já já...amanhã!

